



Revista eletrônica de ciências sociais aplicadas.

ISSN: 1980-0193

RESENHA/ABSTRACT

GALBRAITH E AS FRAUDES INOCENTES.

GALBRAITH, John Kenneth. **A Economia das Fraudes Inocentes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Rogério Silveira Tonet⁽¹⁾
Faculdade Integrado de Campo Mourão

Antes de iniciar a resenha, faz-se necessário responder a uma questão: por que apresentar uma resenha de um livro editado originalmente em 2004 e, portanto, há quatro anos? A “resposta-gancho”, já que abre a possibilidade de escrever um pouco sobre a história do autor e o contexto em que ele escreve, é que o livro escrito por Galbraith torna-se ainda mais importante e atual quando analisado sob a perspectiva, expectativa e incerteza da crise que atualmente assola os mercados (financeiros e reais) do mundo.

John Kenneth Galbraith, nascido em 1908 tinha, portanto, 95 anos quando escreveu a obra e é necessário lembrar que ele foi um dos mais influentes economistas do Século XX, especialmente influente nos EUA, onde ocupou vários cargos públicos, presidiu o Federal Reserve e conduziu até mesmo um interessante estudo sobre a eficácia dos bombardeios dos aliados na Segunda Guerra.

Economista contestador e, frequentemente, contestado, sempre cultivou uma visão crítica (no sentido *lato*, já que de forma alguma, filia-se a qualquer linha de pensamento marxista), escreve esse livro, em formato de ensaio, em uma América em grande turbulência, causada principalmente por três fatos: i) o muito recente, à época, 11 de Setembro; ii) a crise criada pela malfadada “bolha da Nova Economia” e da Internet; iii) os escândalos financeiros das empresas como a Enron, Tyco e World Com.

O provocativo título escolhido por Galbraith parece ter sido motivado por estas Fraudes de empresas “feitas de ar” e a consequente crise de desconfiança criada no mercado, mas este tema é apenas a ponta do iceberg dos temas apresentados nesse pequeno livro, que serão esmiuçadas nos próximos parágrafos, apresentam uma crítica aos pequenos crimes do dia-a-dia corporativo, aceitos socialmente em nome da eficiência e eficácia.

Inicialmente o autor delinea a natureza dos tipos de fraude que quer retratar. Galbraith considera que a principal característica da fraude inocente é que ela é socialmente aceita, já que parece lógica e está completamente inserida na ideologia dominante atual e, nesse sentido, é algo semelhante às drogas socialmente aceitas, já que todos reconhecem sua capacidade maléfica, no entanto, somos colocados em uma posição em que não existiam alternativas ou existe um mérito por trás de cada ação ou decisão tomada. A natureza e a fonte das fraudes inocentes, segundo o autor, portanto, está ligada à possibilidade de manipulação da opinião pública.

Um primeiro indício dessa manipulação, segundo o autor, é a tendência de amenizar alguns termos e expressões de forma a torná-los mais aceitáveis diante da opinião pública. Para tanto Galbraith demonstra como a utilização das expressões “sistema de mercado” e “livre iniciativa” são utilizadas em substituição a “Capitalismo”, devido à alta rejeição desse termo.

Deixando um pouco de lado a questão semântica, o economista passa a relatar como essa mudança de terminologia é básica para alicerçar a formação ideológica por trás das tais fraudes inocentes. Como exemplo claro da linha de raciocínio empregada está a ilusão de que existe um deslocamento do poder dos capitalistas para o consumidor. Para o autor, a idéia de um “consumidor soberano” é uma forma de retirar a culpa das costas do capitalista, já que é frequente ouvir o seguinte refrão: “se não concorda com o que a empresa faz, não compre seus produtos” – e pronto! - a culpa recai automaticamente sobre o consumidor. Seguindo a mesma linha de raciocínio, ao longo do texto, vê-se a extrapolação dessa lógica para vários setores da vida em sociedade, como na política, a analogia consumidor-eleitor é válida, já que o eleitor é chamado à escolha, mas de maneira limitada e, certamente, sobre ele recairá a culpa.

Um capítulo inteiro do referido livro é reservado às relações de trabalho, chamado de “O Enganoso Mundo do Trabalho” e a tônica é relacionada à perda crescente do poder de barganha por parte do contingente de trabalhadores, especialmente fundamentada em discursos enganosos e paradoxais. Uma interessante constatação descrita no livro é a do paradoxo da escolha entre o trabalho e a vida e da necessidade a postergação dos prazeres, que pode ser identificado como a raiz da ética do trabalho: trabalha-se antes para poder gozar a vida depois mas, no entanto, este “depois” parece nunca chegar.

Depois de descrever suas impressões sobre o sistema burocrático que impera tanto nas empresas como nos governos, Galbraith, escreve sobre a ideia de que governo e setor privado não estão realmente divididos e que esta divisão ilusória é a base para as maiores fraudes possíveis. A leitura dessa passagem no livro faz quase esquecer que este é um ensaio do economista em questão para aproximá-lo de outros escritores mais radicais como Noam Chomsky.

Enfim, o livro que o autor chama de “pequeno ensaio” faz lembrar que em momentos de crise como o que vive o mundo hoje, ao fazer uma releitura de críticas anteriores percebe que muitos dos problemas têm suas fontes em pequenos movimentos, pequenas ações que vão ganhando grandes proporções ao longo do tempo. Esse livro também chama a atenção para a necessidade de sair do imobilismo, da letargia que a sociedade vive hoje, pois a mesma parece estar massacrada pela carga absurda de trabalho. Galbraith escreve esse livro não como quem desdenha ou “cospe no prato em que comeu”, mas com a autoridade de quem já esteve em posição de governo e nas maiores empresas do mundo e que, depois de anos, alcança grande lucidez para apontar falhas e propor soluções.

NOTAS

⁽¹⁾ Mestre em Administração pelo Centro de Pesquisas e Pós-graduação em Administração da Universidade Federal do Paraná (CEPPAD/UFPR), Administrador e Especialista em Marketing e em Recursos Humanos. Coordena a Extensão e é Professor na Faculdade Integrado de Campo Mourão. E-mail de contato: extensao@grupointegrado.br

Enviado: 28/10/2008
Aceito: 17/11/2008
Publicado: 30/12/2008